



BOLETIM  
MUSEU  
HISTÓRICO  
DE LONDRINA

| 01



ISSN 2177-7365

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

BOLETIM  
MUSEU  
HISTÓRICO  
DE LONDRINA

| 01



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

**REITOR**

Prof. Dr. Dr. Wilmar Sachetin Marçal

**Vice - Reitora**

Prof. Dr. César Antonio Caggiano Santos

**Diretora do Museu**

Profª Drª Angelita Marques Visalli  
Coordenação Geral

**Comissão Executiva**

Aurea Keiko Yamane  
Barbara Daher Belinati  
Célia Rodrigues de Oliveira  
Rosangela Ricieri Haddad  
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

**Projeto Gráfico e Editoração**

Elder Gustavo Abe  
Glaubher V. de A. Pessusqui  
(Pictolab Design)

**Foto Capa**

Rui Cabral  
Fachada do Museu vista pela  
perspectiva da entrada principal.

**Impressão Midiograf**

**Fonte:** Garamond e Bodoni

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.  
Museu Histórico de Londrina. – Londrina-Pr : Universidade Estadual de  
Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina – História. 3. Universidade Estadual  
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	
<i>Angelita Marques Visalli</i> .....	05
<b>1. Projetos</b> .....	06
1.1. Projeto contação de histórias do norte do Paraná.....	06
1.2. Implantação do setor de Ação Cultural e Educativa do Museu Histórico de Londrina.....	08
1.3. Caravana 80 anos – Londrina sob o olhar de George Craig Smith.....	09
<b>2. Exposição</b> .....	10
2.1. Caravana 80 anos – Londrina sob o olhar de George Craig Smith.....	10
<b>3. Artigos</b> .....	11
3.1. Artefatos, história e tempo: o acervo de relógios do Museu Histórico de Londrina <i>Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez</i> .....	11
3.2. Os museus e o historiador: breves ilações entre o espaço museal e a formação do historiador <i>Marco Antonio Neves Soares</i> .....	19
3.3. Museus à distância <i>Lúcia Glicério Mendonça</i> .....	23
<b>4. Entrevista</b> .....	29
4.1. Alexandre Razgulaeff.....	29
<b>5. Fotografia</b> .....	33
<b>6. ASAM</b> .....	34



O Museu Histórico de Londrina constitui o principal núcleo de preservação da história local. Inaugurado em 1970, pertence à Universidade Estadual de Londrina e ocupa o prédio da antiga Estação Ferroviária de Londrina, em plena região central. Este, por suas linhas arquitetônicas bastante características e grandeza de proporções, é uma das suas principais referências da cidade.

Como Museu de uma cidade nova (Londrina completa, em 2009, seus 75 anos), vê-se diante do desafio de resgatar indícios ainda muito presentes no dia a dia da população, procurando, em seu acervo, colecionar objetos, documentação escrita, imagética, além de registros da memória através de entrevistas com idosos, permitindo, assim, construir conhecimento sobre seu passado. Parte destes indícios é organizada em exposição de longa duração, na qual se apresenta uma proposta de entendimento sobre a construção da comunidade londrinense. Através de exposições de curta duração são trazidos temas e acervos do Museu e de outras entidades que possam complementar e acrescentar para o conhecimento e reflexão sobre o passado. Assim, percebe-se claramente sua função educativa, o que se materializa no grande número de visitantes, cerca de 30.000 anualmente.

Como museu universitário, é um instrumento importante para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão, atraindo alunos de graduação e docentes para o desenvolvimento de estágios e pesquisas nas mais diversas áreas, promovendo, ainda, uma série de atividades que fortalecem sua relação com a comunidade.

A edição do Boletim do Museu Histórico constitui, assim, momento importante de divulgação das atividades do Museu, voltado para a comunidade universitária e externa, trazendo artigos relativos à questão museológica, patrimônio e história local, temas que interessam também às instituições voltadas para a preservação da memória.

As experiências anteriores na produção de boletins foram resgatadas e atualizadas e esperamos, com este primeiro número, inaugurar a longa vida de um canal de diálogo, estudo e reflexão que espelhe a dedicação e trabalho de tantos profissionais, estudiosos e apaixonados pela história e patrimônio histórico.

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angelita Marques Visalli*  
Diretora do Museu Histórico de Londrina

## 1. PROJETOS

### 1.1. PROJETO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DO NORTE DO PARANÁ

*Letícia Nascimento\**

A Universidade Estadual de Londrina, em parceria com a SETI (Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior) mantém o projeto de extensão “Contação de Histórias do Norte do Paraná”, que tem como objetivo formar grupos de trabalho em escolas de cidades da grande Londrina e região, que articulem estudos acerca do desenvolvimento da localidade em que tais grupos sociais estão inseridos.

O projeto, que é coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Célia Alegro, conta com alunos de diferentes séries e professores da rede estadual de ensino, que atuam na coleta de documentos referentes à memória da região em que vivem, como estratégia para o fortalecimento do sentimento de pertença a essa comunidade. A ação orienta-se pelo interesse sobre memória e história nas escolas e comunidades participantes, e estimula a construção de novos registros para a memória local.

O Museu Histórico de Londrina age, dentro desse contexto, como espaço de mediação e de reconstrução permanente de memórias e identidades coletivas, no que servirá de base para a ação de estagiários do Projeto, os quais integram as atividades do setor de Ação Educativa do Museu, por meio do acompanhamento de visitas, pesquisa, preparação de material didático e realização de oficinas de capacitação de professores e alunos.

A perspectiva de se representar a memória local por meio de relatos de trabalhadores, tentará suprir a falta de informações históricas sobre esse ponto de vista, já que o processo de ocupação recente de Londrina é contado, geralmente, como ação de empresas e indivíduos visionários, e exclui a participação das pessoas comuns. Nas salas de aula nota-se que essa exclusão interfere na própria representação dos estudantes e de seu grupo social como sujeitos da História. Nesse

---

\* Graduanda em Comunicação Social-Jornalismo pela UEL. Estagiária do Projeto



sentido, o projeto Contação de Histórias tenta reverter tal distanciamento, aproximando os alunos da história que não foi contada.

Um dos pontos fortes do “Contação de Histórias do Norte do Paraná” é a possibilidade que oferece ao professor de publicação posterior dos materiais que serão produzidos. Eles recebem orientação e acompanhamento para elaboração e execução dos seus planos de pesquisa.

Em reuniões coletivas mensais, oficinas nas escolas, seminários para debate dos projetos, divulgação das ações de cada escola por meio de blogs, mostras para as comunidades locais e publicação dos resultados finais, pretende-se apresentar aos participantes elementos sobre memória e história oral – métodos, conteúdos – e operacionalizar a recolha e análise dos documentos pelos planos de estudo propostos pelas escolas.

## 1.2. IMPLANTAÇÃO DO SETOR DE AÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

O Museu Histórico de Londrina foi contemplado pelo Ministério da Cultura – IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional e como Proponente a UEL o projeto “Implantação do setor de Ação Cultural e Educativa do Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” da Universidade Estadual de Londrina” com período de execução de 31.12.2008 – 31.08.2009.

Os responsáveis pelo Projeto são a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Angelita Marques Visalli - Diretora do Museu Histórico de Londrina, e Gilberto Hildebrando, Técnico em Assuntos Universitários.

O Projeto tem como objetivo a função de planejar o conjunto de atividades relacionadas à missão institucional de comunicação e democratização do acesso, proporcionando condições à utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social.

A proposta de criação do Setor de Ação Cultural e Educativa insere-se no esforço coletivo empreendido pelo Museu Histórico de Londrina, por meio de sua direção e corpo técnico, em dotar a instituição das condições necessárias para um profícuo e permanente diálogo com toda a sociedade, considerando, ainda, a premissa da harmonia e contribuição mútua entre as três funções básicas do museu – a preservação, a pesquisa e a comunicação.

O Museu foi contemplado com equipamentos eletrônicos, com mobiliário e equipamentos de informática para implantação do serviço de registro de depoimentos de visitantes, atendimento às escolas e implementação de uma agenda de eventos culturais, educativos e de cursos de extensão.

À Universidade Estadual de Londrina coube a contrapartida do material de disseminação e divulgação – catálogo, folders e o Boletim Museu Histórico de Londrina.

### 1.3. CARAVANA 80 ANOS

#### Londrina sob o olhar de George Craig Smith

Outro projeto desenvolvido pelo Museu Histórico de Londrina no curso de 2009 foi o de recuperação de uma coleção de fotografias, a organização de uma mostra e a produção de material gráfico sobre a mesma. Dentre as várias coleções do acervo, definiu-se pela recuperação das imagens de George Craig Smith (1909-1992) a partir do reconhecimento do valor histórico das fotos e de seu avançado estado de deterioração. O centenário do aniversário do autor e doador do acervo, assim como os 80 anos da presença da Companhia de Terras Norte do Paraná na região, incentivaram ainda mais a escolha.

O acervo completo doado por George Craig Smith é constituído por mais de 5.000 documentos, escritos e imagéticos, e neste projeto foi realizada estabilização das imagens com a reprodução de fotos, geração de negativos e digitalização com o objetivo de estabelecer ações preventivas de conservação, recuperação e acondicionamento do acervo.

Trata-se de uma coleção pessoal, com imagens referentes ao período de 1910 a 1992, feitas por ele enquanto fotógrafo amador e por outros autores, acumuladas ao longo de sua vida.

Parte da coleção foi organizada para a mostra “Caravana 80 anos – Londrina sob o olhar de George Craig Smith” (também apresentada neste Boletim), iniciada em setembro de 2009 e prevista para março de 2010. Nesta desenvolve-se um trabalho de ação educativa voltado para todos os visitantes, principalmente para crianças de escolas do ensino fundamental e médio, através de visitas monitoradas por estudantes da Universidade Estadual de Londrina, assim como atividades lúdicas e de avaliação da exposição.

Foram e estão sendo produzidos vários materiais gráficos: folders, catálogo da exposição e materiais de ação educativa, além de um catálogo da coleção, o qual será lançado brevemente.

O projeto contou com o fundamental apoio da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, antiga Companhia de Terras Norte do Paraná, que o subsidiou em grande parte.

## 2. EXPOSIÇÃO

### 2.1. CARAVANA 80 ANOS

#### Londrina sob o olhar de George Craig Smith

A exposição “Caravana 80 anos – Londrina sob o olhar de George Craig Smith” é apresentada a partir de um trabalho dos funcionários do Museu Histórico com o propósito de desenvolver propostas que estimulem a reflexão, que provoquem o visitante, que promovam a fruição.

A exposição apresenta fotos do jovem funcionário da CTNP (Companhia Terras Norte do Paraná), George Craig Smith, responsável pelo primeiro grupo dessa empresa colonizadora, que tomava posse da região em 1929. Como fotógrafo amador, este registrou momentos emblemáticos, documentando as primeiras alterações no espaço – uma floresta densa – e os primeiros indícios de um processo de domesticação da natureza – a derrubada dessa floresta, as construções e as estradas. Por outro lado, registrou cenas cotidianas: os sorrisos das mocinhas, os encontros com os amigos, os folguedos perto do rio, os caçadores... Assim, as imagens captadas por George Craig Smith apresentam um olhar sobre a ocupação do espaço do norte do Paraná, mas é um olhar festivo, empreendedor, jovial, como pode ser percebido também na sua correspondência, dirigida especialmente à sua mãe, também presente na mostra, proporcionando-nos uma imagem mais acabada de sua interpretação do mundo.

A exposição provoca o visitante através de seus vários sentidos: visual, através das imagens fotográficas, textos e animais taxidermizados, característicos da região (provenientes do Instituto Harpia de História Natural); auditivo, através dos sons da floresta e de músicas dos anos 30; olfativo, pelo cheiro do mato e de madeira. Os contrastes entre os sons, cheiros e cores dos ambientes da exposição acompanham um enredo de imagens em que se apresenta o dia a dia da ocupação da região, procurando traduzir o espírito da coleção.

A exposição é patrocinada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

### 3.1. ARTEFATOS, HISTÓRIA E TEMPO: o acervo de relógios do Museu Histórico de Londrina

Cláudia Eliane Parreiras Marques Martines\*

#### **Resumo:**

*O presente artigo originou-se da Oficina ministrada no Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weis”, em 2009. As atividades desenvolvidas com os alunos foram segmentadas em duas etapas. A primeira buscou apresentar as matrizes teórico-metodológicas relativas ao tema da cultura material. Posteriormente, o enfoque concentrou-se na investigação do próprio acervo do Museu. Tendo como referência uma problemática histórica buscou-se analisar, entre os vários objetos, o conjunto de relógios que se encontra na entrada principal da referida instituição museal.*

**Palavras-chave:** *Cultura material; Acervos; Museu Histórico de Londrina.*

Os estudos voltados para os objetos do cotidiano - móveis, vestuário, jóias, moradia, utensílios profissionais etc. - constituem terreno relativamente novo na História, sendo até bem pouco tempo atrás tema exclusivo da Arqueologia e da Antropologia<sup>1</sup>. Quando os historiadores se referiam aos artefatos consideravam-nos, quase sempre, ilustrativos de um determinado estrato social, geralmente os mais abastados. Em função desse cenário, não havia consenso em relação aos conceitos e terminologia utilizados, nem mesmo um aporte instrumental específico para investigar os objetos do cotidiano como uma fonte histórica.

De modo geral, o conceito de *vida material* encontrado na obra de Fernand Braudel era tomado como referencial de análise, embora os seus seguidores nem sempre atentassem para a real implicação

---

1- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Apresentação da Nova Série. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo. Nova. Série. N. 1. jan/dez. 1993. pp.5-7.

---

\*- Doutora em História pela USP. Professora do depto. de História/UUEL.

do termo<sup>2</sup>. Segundo o autor francês, vida material constitui a primeira instância da esfera econômica, sucedida, logo após, pela economia de mercado. Por fim, representando o estágio mais avançado das relações de produção, estaria o capitalismo. Essa afirmação não quer dizer, no entanto, que tais esferas (vida material – economia de mercado – capitalismo) não se comuniquem, ou mesmo, não convivam simultaneamente numa mesma sociedade e época. Na verdade, isto parece ter sido a expressão mais freqüente, como nos mostra o autor nos três volumes que compõem a obra *Civilização Material, Economia e Capitalismo*<sup>3</sup>.

A essas questões pode-se acrescentar o fato de que o conceito vida material na perspectiva braudeliana está sensivelmente relacionado à *infra-estrutura* da sociedade. Por isso, a população (com suas fomes, epidemias e fecundidades), a alimentação (o pão de cada dia), a bebida (água, vinho e cerveja principalmente), o habitat (com seus interiores domésticos), o vestuário e a moda (com suas oscilações), o transporte (da lentidão dos animais aos navios e barcaças), a moeda (das trocas elementares aos sofisticados instrumentos de créditos), as técnicas, as fontes de energia e as cidades (com suas dinâmicas e desequilíbrios) são elementos que habitam a “zona espessa, rente ao chão” que Braudel definiu como *vida material*<sup>4</sup>. Enfim, toda uma estrutura necessária (diria até fundamental) à vida, que é composta, essencialmente, por essa materialidade que lhe dá sentido e a transforma no primeiro andar de uma pirâmide tripartida.

No entanto, Daniel Roche considera que se deve ir além dos binômios produção/consumo, infra-estrutura/superestrutura, porão/sótão, só para citar alguns<sup>5</sup>. Ressalta a contribuição de Fernand Braudel; mas, o pesquisador, além disso,

---

2- Ver PENALVES, Antônio Rocha. “Fernand Braudel: tempo histórico e civilização material: Um ensaio bibliográfico”. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo. Nova. Série. v. 3. pp. 239/249. jan/dez. 1995.

3- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII*. (1ed. 1979) (Tradução Telma Costa) São Paulo: Martins Fontes, 1995. Vol.1 (As Estruturas do Cotidiano: o possível e o impossível), Vol. 2 (Os Jogos das Trocas), Vol. 3 (O tempo do Mundo).

4- BRAUDEL. Op. cit., 1995. V. 1, p. 12.

5- ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais. Nascimento do consumo. Séculos XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 16.

(...) deve-se integrar o projeto de uma história cultural sensível à maneira como as idéias e as práticas se articulam com o mundo social, sensível também às encruzilhadas que atravessam uma sociedade, à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos compartilhados<sup>6</sup>.

A historiografia brasileira acompanhou de perto essas e outras mudanças paradigmáticas que envolveram os estudos da cultura material. O lançamento da *Nova Série dos Anais do Museu Paulista*, em 1993, constitui um marco na medida em que propõe não só repensar os conceitos, mas principalmente a metodologia de pesquisa como atestam os vários trabalhos desde então publicados.

As referências teóricas oriundas dos debates acima referidos serviram de base para a Oficina desenvolvida no Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”, e que teve como público principal alunos do curso de História, da Universidade Estadual de Londrina. O trabalho realizado dividiu-se em duas etapas. Na primeira apresentamos aos alunos as principais correntes historiográficas e conceituais que pontuam e orientam a historiografia brasileira. Nesse momento, ressaltamos tanto as primeiras discussões que envolveram o tema quanto a metodologia desenvolvida pelos pesquisadores na atualidade, como já foi referido no início deste artigo.

Após apresentação de algumas das matrizes teóricas relativas ao tema, o enfoque concentrou-se no próprio acervo do Museu, onde a Oficina foi ministrada. Analisando alguns objetos contidos dentro e fora da instituição procuramos demonstrar como o artefato (seja ele uma mesa da década de 1920 ou um oratório budista advindo da imigração japonesa) deve ser compreendido, considerando não apenas o seu conteúdo funcional, os aspectos morfológicos, performáticos e estéticos. O objeto deve ser analisado em simbiose com a sociedade e a cultura que o criou, com o mercado que o distribuiu e com a economia que permitiu sua existência funcional. Enfim, os artefatos devem ser argüidos, no tempo e no espaço, enquanto criação dos grupos sociais,

---

6- Neste sentido, Daniel Roche está se referindo, principalmente, aos estudos de Roger Chartier (*Le monde comme représentation. Annales E. S. C.*, 1989, 6, pp. 1505-1520). Ver ROCHE, op. cit. 2000. p.17.

nos quais homens e mulheres de diferentes etnias, idades e condições sociais estão inseridos<sup>7</sup>.

Destacou-se também que a análise dos artefatos – com suas características internas (matéria-prima e técnica utilizada) e externas (utilidade, estética e valor monetário) - auxilia no entendimento da sociedade e da cultura do espaço geográfico. No caso em questão, a cidade de Londrina estabeleceu-se a partir de uma demanda econômica (cultivo e exportação de café) e sua população constituiu-se, principalmente, de imigrantes de diversas etnias<sup>8</sup>. A compreensão desse cenário plural torna-se essencial para o estudo dos próprios objetos contidos na instituição museal.

Dentro do amplo acervo disponível chamou atenção o conjunto de relógios que se encontra na entrada principal do Museu Histórico de Londrina. Para a sua análise foram propostas várias questões que nortearam a atividade prática desenvolvida com os alunos.

A primeira seria em relação à procedência de tantos relógios expostos no salão principal. Qual a relação desse acervo com a história da própria instituição museológica? Como e porque estão no Museu? Qual o sentido que adquirem dentro de um museu histórico? É possível pensar a história da cidade e seu entorno tomando-os como referência, ou seja, como fonte histórica? O que aqueles relógios “antigos” podem dizer sobre a nossa contemporaneidade? Como eles ajudam a refletir sobre os problemas atuais da cidade de Londrina – e eles são muitos: violência urbana, desigualdade social, poluição sonora, resíduos domésticos e industriais, degradação dos rios e nascentes etc.

---

7- Ver RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A Danação do Objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó SC: Argos, 2004.

8- Existe uma bibliografia consolidada para o norte do Paraná, em especial, para a cidade de Londrina. Ver principalmente: ADUM, Sonia. M. S. L. *Historiografia Norte Paranaense: alguns apontamentos*. In: Alegro, Regina Célia; Molina, Ana Heloísa; Cunha, Maria de Fátima da; Silva, Lúcia Helena Oliveira. (Org.). *Temas e Questões para o Ensino de História do Paraná*. Londrina: Eduel, 2008, pp. 03-26. Ver também ARIAS NETO, José. Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930/1975*. 2ª. ed. Londrina: EDUEL, 2008.



Foto: Rui Cabral, 2009.



E mais. A partir da análise desse acervo o que podemos descobrir sobre nós mesmos: hábitos, costumes, a relação do homem com a natureza e com o *outro*. E esse *outro* pode ser tanto os ingleses (membros da Companhia de Terras Norte do Paraná) que vieram para desmatar a floresta e plantar a cidade, quanto os inúmeros paulistas, mineiros, japoneses, italianos e tantos mais que chegaram à região com o desejo de construir um novo *tempo*. Ou ainda, embora muitas vezes esquecido, o *outro* pode também constituir-se no indígena que aqui vivia e tinha uma relação de *tempo* marcada por outros ritmos e nuances.

Em relação ao conjunto de relógios do Museu não existe nenhum suporte ou legenda que esclareça aos visitantes a sua procedência. Consultando os funcionários descobrimos que faziam parte da antiga estação ferroviária – Cambará, Jataizinho, Londrina etc. - que cortava o Norte do Paraná. Hoje, no entanto, constituem apenas fragmentos de um *tempo* marcado pelo apito do trem e daqueles que um dia usaram a estação para o embarque e desembarque, para ir e vir de homens e mulheres que chegavam incessantemente trazendo poucos pertences, mas a esperança de construir um novo *tempo*. Interessante ressaltar que,

na manhã de sábado, quando a Oficina era ministrada apenas um deles estava em funcionamento, enquanto isso os demais repousavam tranquilos na imensa parede do edifício que um dia também abrigou a estação ferroviária<sup>9</sup>.

Para responder as diversas questões suscitadas pelos relógios do Museu é preciso atentar para as diferentes percepções que o homem tem em relação ao tempo, ao longo da história da humanidade. Não é nossa intenção fazer uma retrospectiva histórica do equipamento, salientando, por exemplo, o *tempo da natureza* quando o sol, a lua, as marés e as estações do ano marcavam a cadência da vida.

Pensemos na nossa contemporaneidade. Atualmente os grandes centros urbanos não adormecem, turnos ininterruptos de trabalhadores, carros e pedestres circulam, vão e vem freneticamente independente da luz solar. Outra questão que a pesquisa suscitou refere-se às diferentes utilidades e percepções dos registradores do tempo ao longo da história ocidental. Basta lembrar, por exemplo, que antes do século XVIII a maioria deles não trazia o ponteiro do segundo. Naquele período, não havia, como hoje, a demanda frenética pelo tempo, nem a necessidade de padronizar e sistematizar o trabalho e, conseqüentemente, o cotidiano das pessoas. É com a Revolução industrial que o tempo passa ser mensurado, transformando-se em dinheiro. É com o sistema capitalista que as ações e maneiras de se comportar dentro e fora do trabalho/fábrica racionalizam e tornam-se cada vez mais padronizadas.

Não é demais lembrar que Londrina, ou melhor, o Norte do Paraná surge dentro de um contexto no qual a industrialização e a modernização da sociedade brasileira se faziam pungentes. Por isso, a construção da ferrovia e a instalação de seus respectivos relógios têm um papel fundamental no desenvolvimento da região nas primeiras décadas do século XX. Viver sem medidores do tempo seria impensável numa sociedade que se formava velozmente. Uma região marcada pela transformação instantânea da natureza (derrubada da mata e caça aos animais) e pela “*indesejável*” presença indígena que “*dificultava*” a

---

9- O Museu Histórico de Londrina foi inaugurado em 18 de setembro de 1970, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina. Desde 1974 constitui um órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina sendo vinculado academicamente ao Centro de Letras e Ciências Humanas. Somente em 10 de dezembro de 1986 o Museu passou a ocupar o antigo prédio da Estação Ferroviária de Londrina tornando-se marco histórico da origem inglesa da colonização de Londrina e também do Norte Novo do Paraná. Ver: Boletim do Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”. 1980/84, n.1-9.

demarcação de novas terras, o avanço da lavoura de café e a instalação da cidade com seus *novos* habitantes.

Os relógios do Museu também conduziram a outras reflexões. As (re)produções em série de objetos tecnológicos e digitais vêm modificando irreversivelmente hábitos e costumes. Basta lembrar do relógio distinguindo não segundos, mas a fração desses, bem como o uso de celulares, computadores (Internet, MSN, Twitster, Blog etc.) e outros meios de comunicação nos quais precisão, velocidade e interação imediata passaram a ser imprescindíveis.

Por tudo isso, os relógios herdados das antigas estações ferroviárias e, hoje, expostos no Museu Histórico de Londrina têm muito a nos dizer. Para isso, é preciso questioná-los, saber ver e ouvir sua(s) história(s). A atividade prática desenvolvida com os alunos da Oficina constituiu apenas um exercício - entre tantas outras possibilidades - de (re)leitura e análise do riquíssimo *laboratório de pesquisa* que constitui o Museu em destaque.

O desafio enfrentado pelos museólogos e historiadores, responsáveis em conceber as exposições produzindo uma linguagem visual acessível a todos, é permanente e contínuo. Por fim, é importante destacar que o museu nunca deixe de ser um lugar de fruição e lazer, mas é também significativo que ele jamais abandone sua condição primordial, a de ser um espaço de constante questionamento da vida que nos cerca.

## BIBLIOGRAFIA

ADUM, Sonia. M. S. L. Historiografia Norte Paranaense: alguns apontamentos. In: Alegro, Regina Célia; Molina, Ana Heloísa; Cunha, Maria de Fátima da; Silva, Lúcia Helena Oliveira. (Org.). *Temas e Questões para o Ensino de História do Paraná*. Londrina: Eduel, 2008, p. 03-26.

ARIAS NETO, José. Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930/1975*. 2ª. ed. Londrina: EDUEL, 2008.

*Boletim do Museu Histórico de Londrina* “Pe. Carlos Weiss”. 1980/84, n.1-9.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material economia e capitalismo, séculos XV-XVIII*. (1ed. 1979) (Tradução Telma Costa) São Paulo: Martins Fontes, 1995. Vol.1 (As Estruturas do Cotidiano: o possível e o impossível), Vol. 2 (Os Jogos das Trocas), Vol. 3 (O tempo do Mundo).

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Apresentação da Nova Série. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo. Nova. Série. n.1. jan/dez. 1993. p.5-7.

PENALVES, Antônio Rocha. “Fernand Braudel: tempo histórico e civilização material: Um ensaio bibliográfico”. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo. Nova. Série. v. 3. pp. 239/249. jan/dez. 1995.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A Danação do objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó SC: Argos, 2004.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais*. Nascimento do consumo. Séculos XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

### 3.2. OS MUSEUS E O HISTORIADOR: breves ilações entre o espaço museal e a formação do historiador.

Marco Antonio Neves Soares\*

#### **Resumo :**

*Este paper pretende apresentar o projeto que dá suporte à monitoria feita pelos alunos do curso de história da UEL aos usuários de museus. Para isso enfoca a questão do alargamento do perfil do formando em história, assim como discute as funções didáticas o espaço museal. Compreende que este espaço é espaço de formação, mas também de pesquisa e de entretenimento, e que diferentes suportes devem ser dados a diferentes perfis dos usuários de museu.*

**Palavras-chave:** *Museografia; Museus; Memória.*

A museografia tem passado por sensíveis transformações, no decorrer do século XXI, como resposta à chamada “crise dos museus”. Esta crise vinha do hiato proporcionado entre as concepções de museu, que viam esta instituição ora como entretenimento, ora como cultura, com predominância do primeiro. O foco tradicional da perspectiva museológica havia sido quebrado: a pesquisa e a divulgação científicas, que no século XIX consolidou museus de história e de história natural na Europa e nos Estados Unidos.

A tal crise proporcionou uma série de reflexões sobre o museu e seu papel na sociedade de massas e na produção do conhecimento. Esses vetores, hoje vistos como não excludentes, possibilitam que reconhecamos um museu histórico como aquela instituição que promove a cidadania através da construção de representações de identidades plurais, possibilitados pelos universos material e imaterial da cultura. Neste sentido é e suma importância que saibamos interpretar as representações criadas por essas instituições, problematizando as presenças

---

\*- Doutor em História e Sociedade pela UNESP/Assis. Professor do depto. de História da UEL.

e ausências inerentes a qualquer tipo de coleção, assim como apontando os conflitos e as rupturas presentes nos processos de classificação, descrição, seleção e exposição de qualquer tipo de peça museológica.

Assim, cumpriu no alvorecer do novo século o compromisso firmado em 1974 pelo Conselho Internacional de Museus ICOM/UNESCO, que passou a conceber o museu como o “estabelecimento permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que coleciona, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, para o estudo, a educação e o entretenimento, a evidência material do homem e seu meio ambiente”.

O museu não tem sentido enquanto uma instituição fechada, impermeável às mudanças da sociedade e de seus agentes, pois nos últimos trinta anos tratou de conciliar educação, conhecimento, produção do conhecimento e entretenimento em um espaço, que mesmo sendo idealizado sem contradições, as denunciavam e expõem.

Com a globalização o museu assumiu um papel de destaque na construção da história e memória locais, embora muitas vezes mitificando-as, porém as exigências da museologia, buscando seu próprio espaço e domínio como área de conhecimento deve reconhecer-se como engendradora de mitologias, e superar assim sua fundamentação em simulacros.

E o historiador pode ser instado a participar na construção desta área, colocando problemas de maneira que ela se erija na dúvida, e não como uma instituição fiadora e probatória da história oficial, que possui seus donos sempre a demarcar seus territórios. Pode perceber que a construção da historicidade no espaço museal via de regra atende à pressões e demandas externas à produção do conhecimento, o que o faz refletir sobre a própria função do historiador.

Ele, dentro da instituição museológica pode produzir as ferramentas interpretativas da cultura material, que sejam capazes de revelar dentro da multiplicidade, a variação da história do cotidiano e das atitudes, pois brinquedos de crianças, artefatos femininos, edifícios escolares, tudo permite ampliar o olhar o historiador sobre o passado. O estudo das camadas subalternas muito tem se ampliado e, para isso, as fontes arqueológicas contribuem de forma notável com seu caráter anônimo e involuntário.

A busca pelas ferramentas interpretativas permite que ultrapasse a idéia de história concebida tal como foi ou aconteceu, com a

pretensão de estabelecer verdades duradouras senão absolutas. Assim, elas fundamentam o trabalho do historiador dentro das mediações do conhecimento, necessitando leituras de caráter metodológico e uma práxis para fundamentar as abordagens e aplicações daquelas outilages.

O Historiador dentro do museu pode colocar problemas que interessam tanto à história quanto à museologia, na medida em que aquela busca das ferramentas que fundam uma hermenêutica não é suficiente para uma leitura das coleções museais, caso se queira ultrapassar a pretensa interpretação dos simulacros. Para isso é preciso que se faça o inventário e a investigação das informações que já foram coletadas e registradas sobre aquela sociedade, aquele patrimônio, aquele objeto, e promover as verificações necessárias, o que implica em avanços, recuos e desvios que um conhecimento meramente técnico pode avaliar como equivocados. Ao contrário, esse procedimento analítico-crítico comum à historiografia pode e deve reivindicar uma práxis museal, um contato reflexivo com as coleções, mesmo que estas estejam restritas ao âmbito do entretenimento. O que é impensável é uma instituição ou uma museologia que não exponha as contradições inerentes a qualquer grupamento humano.

Finalmente, a cultura material deve ter uma abordagem comparada, aquilo que é denominado paralelo etnográfico, ou seja, a colocação de uma justaposição de valores atribuídos aos objetos para que eles sejam escalonados dentro do processo histórico.

Constituído assim, cumpre uma dupla função social: além da produção do conhecimento, também permite fundamentar e consolidar a cidadania.

O discente de história e o historiador podem fazer a mediação entre esses dois universos: a instituição e o público, tanto o acidental, informal, quanto aqueles que visam o conhecimento sejam eles em qual nível de ensino formal estejam. Além disso, pode fazer a décupage entre as representações que os agentes sociais criam de si e as ações destes grupos dentro do jogo das tensões e das interações sociais.

Em suma, o que se pretende é criar condições visando a capacitação do discente do curso de história na função de guia ou monitor de usuário de museus, atendendo ao menos cinco dimensões do Projeto Pedagógico do curso de História da Universidade Estadual de Londrina:

1. a disseminação da cultura e do conhecimento históricos;
2. a experiência na instituição Museu como etapa da formação do historiador;
3. a leitura crítica da variação documental que constitui uma série ou coleção;
4. a formação de um profissional de história que seja simultaneamente professor e pesquisador e
5. o redimensionamento da função do profissional de história, que também deve estar apto para atuar nos centros de memória e nos museus históricos.

O impacto desta experiência na formação do profissional de história redonda na reconfiguração de sua atuação, seja na docência, seja na pesquisa, pois possibilita a abordagem crítica das representações criadas pelos museus. Assim, a instituição Museu, passa a ter outro sentido para o historiador, o que permite que ultrapasse as mitologizações museográficas e se torne uma ferramenta à disposição do historiador em suas reflexões.

## BIBLIOGRAFIA

BARTH, Fredrik, Grupos étnicos e suas fronteiras. In POUTIGNAT, Ph.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: EdUNESP, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. *El sistema de los objetos*. Cd. Mexico: SigloXXI, 1969.

PINSKY, C. B.(org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2001.

POSSAMAI, Zita. *Entre chapéus, fotos e fantasias de momo: as artimanhas do percurso museal*. Disponível em: <http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=194>



### 3.3. MUSEUS À DISTÂNCIA

Lúcia Glicério Mendonça\*

#### **Resumo:**

*O presente texto busca analisar nas origens da instituição museológica, no Brasil e no exterior, as motivações da baixa taxa de visitação aos museus brasileiros. Acervos de origem aristocrática, voltados para elite letrada, instrumento de “tecnologia cultural” e modelagem social, os museus no Brasil apresentam em sua origem aspectos que contribuíram para o afastamento dos grupos populares.*

**Palavras-chaves:** *Tecnologia cultural; Modelagem social; Museus brasileiros; Visitação.*

O presente texto busca analisar nas origens da instituição museológica, no Brasil e no exterior, as motivações para o distanciamento do público dos museus brasileiros. Embora haja recentemente uma tendência de reavivamento do fluxo de público aos museus no Brasil, motivado por ações dos movimentos sociais e de políticas públicas voltadas para esse objetivo, ainda muitas instituições permanecem pouco visitadas. As motivações para esse distanciamento do público brasileiro podem ter ligações com ambigüidades relacionadas às origens dos museus. Portanto, serão apontados aqui alguns aspectos principais, sem que eles sejam totalmente esgotados, tendo em vista o espaço restrito do trabalho.

Na origem européia, antes da organização dos museus públicos, existiam os Gabinetes de Curiosidade de caráter privado; em geral, galerias ou *Salas das Maravilhas*. Os objetos ali recolhidos eram de escolha do proprietário. Esses espaços faziam parte dos rituais da nobreza, não eram destinadas à visitação do público em geral, mas a um público

---

\*- Mestre em História das Ciências da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Professora do depto. História/UEL.

determinado. A partir do século XVIII, diversas coleções da nobreza e realza foram apropriadas pelo Estado e tornadas públicas. Este foi o caso do Louvre em 1793. O direito de visitação às antigas coleções particulares significou parte das conquistas da população: direito ao acesso à educação e cultura que as coleções representavam. No entanto, havia um sentimento duplamente negativo inspirado pelos primeiros museus. Para os nobres, os museus eram vistos como locais onde os seus bens, antes exclusivos, eram agora de usufruto do povo indigno e iletrado. Para o povo, os museus e suas coleções representavam a expropriação de que tinham sido vítima, eram também associados aos desmandos e arrogância da monarquia. (PRIMO, 2010)

Nos séculos XVIII e XIX, discussões metodológicas substituíram escolhas pessoais e técnicas específicas foram aprimoradas na organização dos acervos. Boa parte dos museus europeus se colocava como porta-voz de um discurso enciclopédico e universalista. Filosofias evolucionistas eram aplicadas. Os museus passaram a selecionar e ordenar objetos de períodos históricos, pois se acreditava em um padrão único de desenvolvimento. (SANTOS, 2002)

Após as revoluções burguesas, objetos anteriormente pertencentes a nobres e reis foram transformados em heranças a serem cultuadas como patrimônio de uma nação inteira. Existiam desafios a serem vencidos pela burguesia vitoriosa, entre eles figuravam: desestruturar os quadros de poder da aristocracia, criar novos quadros administrativos e observar, controlar e regularizar a sociedade. A memória passa a ser vista como elemento capaz de unificar as nações européias, resultando em diversas disputas.

Bennett (apud, MCGUIGAN, 1995) explica que é nesse momento que os museus passam a atuar como uma “tecnologia cultural” ou uma máquina para fazer arte e história inegáveis. Os museus públicos surgiram como uma das instituições do moderno processo civilizatório, um meio de formar uma disposição popular a determinados padrões de arte, ciência e conhecimento histórico, equipamentos para exibir a cultura, contribuindo assim para a regulação da conduta social.

Diversos processos constituíram os museus nacionais europeus e suas coleções, dentre eles, um de grande importância foi o colonialismo, realizado pelo movimento expansionista dos Estados Nacionais. Expedições científicas foram enviadas às colônias com dupla função: estudar o meio ambiente físico e os habitantes das colônias (conhecer

para catalogar e dominar) e formar e enviar à metrópole coleções de botânica, zoologia, mineralogia, etnografia e arqueologia (enriquecer as coleções dos museus europeus).

No final do século XIX, o nacionalismo se transforma em movimento de massas na Europa. Neste contexto, a criação dos museus faz parte do processo de criação de memórias coletivas, tradições inventadas e políticas comemorativas dos Estados Nacionais Modernos. Ocorre o crescimento do número de museus, eles surgem com projetos educativos, formas de comemorar aspectos nacionais, expressão e símbolo dos Estados Nacionais. (SANTOS, 2002)

No Brasil, a constituição dos museus deu-se com a importação do modelo europeu para a colônia de Portugal, a partir da chegada da Família Real e a instalação da Corte no Rio de Janeiro. O Museu Nacional, criado como Museu Real é aquele cuja proposta inicial mais se aproximou daquela estabelecida pelos grandes museus nacionais europeus. A instituição teve seu perfil marcado em sua origem pelo absolutismo português. Suas coleções continham não só objetos relacionados a sua natureza, mas também objetos cobiçados pelos europeus como fontes do saber universal. O acervo incorporou coleção de múmias, sarcófagos e objetos egípcios, considerada como sendo uma das mais completas da América Latina. (SANTOS, 2002)

Outros importantes museus surgiram no Brasil ao longo do século XIX. O Museu do Pará foi criado em 1868. Em 1876 foi inaugurado o Museu Paranaense. O Museu Paulista iniciou suas atividades em 1893. Todos esses museus foram criados após a independência, fato que no campo dos museus não significou obrigatoriamente um rompimento abrupto com o modelo anterior. Outros museus foram criados na época. Normalmente, o acervo voltava-se ou para um ramo especializado das ciências naturais ou para especificidades regionais. Em nenhum destes museus o acervo remetia à história da civilização como o acervo do Museu Nacional.

Os profissionais dos Museus Paulista e Paraense, museus dedicados à pesquisa científica no campo da história natural, atribuíram às atividades desenvolvidas no Museu Nacional um caráter não científico e comemorativo. Com o advento da República o acervo generalista do Museu Nacional, com objetos de diversas partes do mundo e da história, tornara-se um impasse na virada do século, quando o Brasil já não era mais um Império com seus movimentos expansionistas.

No início do século XX, os museus brasileiros centraram-se na “ciência pela ciência”, procurando uma identidade para o Brasil, no universo das nações, cabendo ao país uma posição periférica. Na composição histórica e universalista do desenvolvimento da civilização ocidental, coube aos museus brasileiros contribuir com a classificação de suas espécies vegetais e animais e populações primitivas.

O público dos museus brasileiros era reduzido. Para a população brasileira, o mundo se organizava de forma bastante distinta das ordenações científicas e a Nação se consolidava em símbolos muito distantes daqueles preservados pelos museus. A abertura dos museus ao público em geral atuou como parte do processo disciplinador. Significava civilizar a população através do contato com a cultura exposta nos museus. As exposições exigiam dos visitantes um comportamento similar às camadas ilustradas. Os modelos mais antigos de galerias e museus possuem percurso do visitante totalmente dirigido. Os museus europeus, ao abrirem suas portas a um grande público, detinham uma estrutura que trazia certo constrangimento.

No Brasil, os primeiros museus procuram reproduzir o estilo majestoso dos museus europeus. O Museu Nacional, após o banimento da família imperial transferiu-se para o Palácio Imperial na Quinta da Boa Vista. O Museu Histórico Nacional, do Rio de Janeiro, criado em 1922, reproduzia a estrutura arquitetônica complexa dos antigos museus, e fazia com que o visitante tivesse que enfrentar um labirinto de salas e corredores em seu percurso. Tornaram-se locais de formação de uma esfera pública, polida e educada, de divulgação de uma arte erudita ou cultura de elite. O espaço do museu implicou em uma auto-disciplina do corpo e do olhar e em uma rejeição generalizada a gestos descomedidos, aglomerações e manifestações populares.

A visitação aos museus sempre foi muito pequena, no Brasil, carecendo de público e representatividade. A legitimação do discurso nacionalista, essencial aos museus europeus e às teorias que procuram explicá-los, ocorreu de forma bem distinta aqui. A República no Brasil não veio acompanhada por expansão significativa da cidadania política. O movimento republicano no Brasil vinculou-se às proposições de uma minoria da população, as elites econômicas, políticas e letradas. A população se organizava e mobilizava freqüentemente em festividades religiosas, ritos africanos, no samba e futebol, porém tais ações não eram reconhecidas como manifestações políticas. O espaço

de manifestação era a cidade, eram cidadãos e não cidadãos, no sentido mais amplo do termo. (SANTOS, 2002)

Os museus brasileiros do início do século XX expunham representações oficiais da nação que tinham pouco em comum com as das camadas populares, o que significava uma pequena representatividade frente às expectativas populares. Procurando manter-se em consonância com as tendências européias, as instituições brasileiras buscaram características próprias. Em 1911, Gustavo Barroso, publicou um artigo onde defendia que o Brasil precisava de um museu onde pudessem ser guardados objetos de guerreiros e heróis. Embora Barroso atribuísse valor à conservação de objetos destinados ao cultivo de uma memória do povo, isso deveria ocorrer em um museu de outro tipo: o folclórico. Neste museu, não haveria tanto a preocupação em determinar uma origem para a nação, mas sim em fixar alguns traços que poderiam ser qualificados como singulares do povo brasileiro.

Em 1922, por ocasião dos festejos do centenário da Independência do Brasil, o Museu Histórico Nacional (MHN) foi criado no Rio de Janeiro. Gustavo Barroso foi nomeado diretor, segundo ele, a verdadeira história da Nação começara no dia da chegada da coroa portuguesa ao continente americano. Sendo assim, os objetos das elites aristocráticas tiveram destaque nas exposições, grandes doadores de pratarias, louças brasonadas, mobílias e telas. O MHN associou uma proposta de culto ao passado à versão militarista. As grandes batalhas representadas aparecem associadas ao Império e seus heróis. (SANTOS, 1996)

A atuação de Gustavo Barroso é um marco para a Museologia brasileira, pois foi o fundador do Primeiro Curso de Museologia do país, instalado no Museu Histórico Nacional, funcionando ali até 1979. Esse curso adotou, por muito tempo, as linhas mestras da atuação de Barroso. Sendo o primeiro pólo de formação de profissionais da área da Museologia, as suas idéias foram sendo disseminadas por todo o Brasil e formaram a “cara da Museologia brasileira”, no passado e na atualidade, mostrando que as coleções de objetos não fazem apenas lembrar, elas lembram alguma coisa ao público.

Além da atuação de Gustavo Barroso, é necessário analisar a concepção básica do SPHAN, sob a orientação de Rodrigo de Melo Franco de Andrade, para instalação dos museus vinculados a este órgão, a partir da década de 1930. (SANTOS, 1996)

No que tange ao pensamento de Rodrigo de Melo Franco a respeito

dos museus, as instituições museológicas deveriam ser destinadas à preservação de bens culturais e “a uma elite cultural”, que dispensaria ajuda e poderia ver por si, e até contribuiria, por análise e confrontos, para o melhor conhecimento da arte. É importante ressaltar que, o contato de Rodrigo, ao longo de sua vida, com novas gerações de profissionais da área da museologia, conduziu-o a um repensar a função dos museus na sociedade. (SANTOS, 1996)

Segundo Santos (2002), os museus brasileiros fazem parte de nossa tradição republicana, na qual um grupo significativo da população não tem tido acesso a benefícios sociais importantes, entre eles educação e memória. Se os museus brasileiros têm sido ignorados por grande parte da população, temos que admitir que estas pessoas pouco participaram na produção dos discursos lá existentes. É a partir dessa constatação que a autora nos convida a refletir sobre o problema.

## BIBLIOGRAFIA

BENNETT, Tony. *The birth of the museum – history, theory and politics*. London/New York: Routledge, 1995.

MCGUIGAN, Jim. Cultural policy studies. In: MCGUIGAN, Jim. *Culture and public sphere*. London/New York, Routledge, 1996.

PRIMO, J. Santos. *Museologia no século XIX*. Disponível em: <http://www.museologia-portugal.net/>, acessado em 29 de março de 2010.

SANTOS, M<sup>a</sup> Célia T. M. O papel dos museus na construção de uma identidade nacional. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. V. 28, 1996.

SANTOS, Myrian. Sepúlveda dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 19, n. 19, 2002.

### 4.1. ALEXANDRE RAZGULAEFF

Alexandre Razgulaeff (★06/11/1894 - †31/01/1978) nasceu na Rússia, cidade de “Krotoma”. Formou-se Engenheiro Agrimensor Geodesta no Instituto de Geodesia Constantino, em 1914.

Chegou ao Brasil em 21/06/1914. Trabalhou como agrimensor na Cia. Marcondes e Brasil Plantations, onde conheceu Arthur Thomas e João Sampaio em 1924, quando foi contratado para trabalhar na Companhia de Terras Norte do Paraná.

Razgulaeff, veio como Engenheiro chefe da formação de todas as cidades, de Londrina a Maringá, e como a Estrada de Ferro é quem determinava a localização das estações e futuras cidades, quando chegou em Cambará, norte do Paraná, juntamente com o início da Estrada de Ferro, iniciou os estudos topográficos da região com alguns companheiros.

Projetou, entre outras, a malha urbana da cidade de Londrina, apresentando a primeira planta para o General Asquith, tesoureiro dos empreendimentos de Lord Lovat, que não foi aceita pelos ingleses, tendo sido reduzidas as medidas das avenidas e ruas. Esta planta reduzida foi elaborada em 1932.



Autor: George Craig Smith - Acervo: Museu Histórico de Londrina.

Da esquerda para a direita: Gordon Fox Rule, Sophie e Alexandre Razgulaeff, no Patrimônio Três Bocas (hoje Londrina-PR).

## Trechos da entrevista

---

Em 1924 Razgulaeff foi contratado da CTNP, para trabalhar como agrimensor no Paraná e responsável pela formação das cidades.

“[...]

**AR-:** Ah! Mas eu veio para trabalhar, para...

**E-:** Como agrimensor?

**AR-:** É .. como chefe de todos... formações de cidade, e... e... acompanhando normalmente as ordens da estrada de ferro que escolhia lugar mais ou menos onde vai ficar futura cidade... como distância e [posiçon?] topográfica, aí depois me deixavam incumbência de estudar é... é... cidade... A cidade de Londrina eu tenho crítica... eu tenho crítica... é... o ... [mocional?] que cidade... cidade muito mal projetada... mas a culpa não é minha... eu vou dizer a verdade, eu quase projetei a cidade... como as avenidas, de 30 metros e ruas de 24 m... o ....

**E-:** Sim...

**AR-:** E apresentei essa planta... o ... o ... presidente que chegou lá naquele tempo o general Asquith... falou: - “Bom nós vamos levar planta para estudo na Inglaterra e... depois de lá você recebe a ordem de executar.” E veio ordem que seo Alexandre é louco... que... cidade que... você sabe no meio do mato abrir ruas com 30 metros de largura... e... e... não avenidas... e ruas com 24 metros... não, não convém... “Quem vai construir ruas?... Nós. “Quem vai pagar imposto?” Nós. “Não, não, não...” Então me mandaram diminuir a... a... ruas, até 16 máximo que eu aceitei... eles queriam 12... no máximo aceitei só 16 e... avenida ficou 24, só.

**E-:** Ah... sim! Quais as avenidas que o Sr. projetou o Sr. que fez o projeto todo da cidade?

**AR-:** Todo da cidade...

**E-:** É... quais as avenidas que o Sr. projetou para Londrina?!

**AR-:** Avenida Paraná... que vem aqui... ver passando aqui... o ... Fuganti e saída pra Nova Dantzig... nós chamávamos...

**E-:** Cambé?



**AR-:** Hoje Cambé.

**E-:** Cambé!

**AR-:** Exato! Depois avenida Paraná... ou Paraná e se chamava Avenida Paraná... Avenida... é... é... Rio de Janeiro e Avenida São Paulo... essas duas que vai descer lá pra Estação...

**E-:** Certo!

**AR-:** Não é duas ruas, avenidas...

**E-:** Não chamam-se avenidas perfeitamente... é... chamam-se avenidas e ...

**AR-:** Ah... e ... depois Avenida Higienópolis...

**E-:** A Avenida Higienópolis eu ouvi uma vez uma informação segundo a qual no desenho original na primeira planta não existia... e que os primeiros moradores da cidade de Londrina pediram ao Arthur Thomas que dobrasse a largura!

**AR-:** Sei, sei, sei...

**E-:** O Sr. pode nos contar como foi isto?

**AR-:** Não posso não...

**E-:** Mas o original desenho seu era de uma pista só?

**AR-:** Não, não, não ... o original não chegou na... na... altura... a cidade crescia a ... o ... progressivamente na que quando acabou a... a... saída para Nova Dantzig, ainda não existia a entrada esquerda para a Avenida Higienópolis...

**E-:** Ah... Então esse projeto da Avenida Higienópolis tal como ela é com duas pistas ... isto é ... posterior?

**AR-:** Posterior, muito posterior.

**E-:** O Sr. desenhou a Avenida Paraná, a Avenida São Paulo, a Avenida Rio de Janeiro, e quais outras ruas o Sr. desenhou?

**AR-:** Todas... todas... Ah?

[A Prof<sup>a</sup> entra no diálogo...]

**M-:** Rua Heimtal... que é Duque de Caxias...

**E-:** Rua Heimtal que é Duque de Caxias...

**AR-:** Duque de Caxias...

**M-:** E Mato Grosso...

**AR-:** É... e na minha ausência o engenheiro que eles arrumaram lá ele tinha bastante...

**E-:** Como que era o nome dele?

**AR-:** É... Carlos Rottmann.

**E-:** Carlos Rottmann?

**AR-:** Rottmann.

**AR-:** Na minha ausência Carlos Rottmann diminuiu largura... de Rua Cambé para 12 metros conforme a ordem da... da... América... do... do... da... Inglaterra.

**E-:** Da Inglaterra.

**AR-:** Da Inglaterra... Mas quando eu voltei... eu rejeitei e falei lá de jeito nenhum não aceito, porque eu que responsável pelo formação de cidade, não é ele! [ ....]"

RAZGULAEFF, Alexandre. *Depoimento*. Londrina: 1972. Entrevista concedida a Antônio Vilela Magalhães e Prof<sup>ª</sup> Maria Dulce Alho Gotti. Transcrição de Luciana Fidêncio. Fita cassete original pertence ao Centro de Documentação e Pesquisa Histórica / CLCH/UEL, com cópia para o Museu Histórico de Londrina.

Acervo: Museu Histórico de Londrina - Coleção Margarida Kraemer



Acervo: Museu Histórico de Londrina - Coleção Margarida Kraemer



**Você identifica essas pessoas?**

Contato: [audiovisualmuseu@uel.br](mailto:audiovisualmuseu@uel.br)

## 6. ASAM

A Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina-ASAM é uma instituição civil sem fins lucrativos, fundada em 18 de maio de 1995, por um grupo de voluntários sensibilizados com a necessidade de cooperar na revitalização do prédio do Museu (antiga Estação Ferroviária) e no resgate e preservação de seus acervos

A instituição tem por finalidades promover a cultura; defender e conservar o patrimônio histórico; apoiar os projetos educacionais e culturais; contribuir para a divulgação da imagem e das atividades junto à sociedade; trabalhar para o enriquecimento do acervo histórico e cultural; angariar recursos financeiros junto à sociedade para desenvolver e executar projetos e programas como: exposições inéditas, cursos, conferências, seminários, projeção de filmes, espetáculos, lançamento de livros e publicações.

Como conceito de museu dinâmico, que preserva e divulga a cultura e o conhecimento do passado, tornando-os presentes e influenciando o futuro, o Museu Histórico, após a revitalização e reabertura em dezembro de 2000, tornou-se referência nacional, como um dos mais importantes museus histórico do interior do Brasil.

Para a ASAM, esse respeito, determinação e coragem adquiridos no decorrer dos anos faz com que a instituição, juntamente com a direção do Museu, tome grandes decisões em favor do patrimônio que encanta e sensibiliza os visitantes que por aqui passam.

Muito se fez e muito há de se fazer em prol do Museu... a ASAM, certamente continuará sua tarefa de contribuir, divulgar, promover, propor, apoiar e buscar recursos para resgatar, preservar e modernizar o patrimônio histórico, deste que é o guardião de nossa história.

*Arqt. Ighes Dequech Álvares*

Presidente da ASAM

Associação dos Amigos do Museu

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;
  - Título;
  - Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
  - Resumo – máximo 150 palavras;
  - Palavras-chave - até 6 palavras;
  - Texto não deve ultrapassar 5 laudas (word for windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
  - Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
  - Deverão ser apresentados em cd e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.
2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.
3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.
4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.
5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15 cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em cd. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.
6. Contato:
  - Fone: (43) 3323-0082 / [bibmuseu@uel.br](mailto:bibmuseu@uel.br)

# EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

## **Direção**

Profª Drª Angelita Marques Visalli

## **Secretaria**

Secretário Executivo: Cesar Augusto de Poli

Projeto Aprendiz:

Luis Fernando Bueno dos Santos

Vanessa Ribeiro da Silva

## **Equipe de Apoio**

Auxiliares Operacionais:

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Diva Barbosa da Silva

Maria Fungachi Botelho

Neiva Lemes Albrecht Batista

## **Assessor Especial**

Arquiteto e Design: Christian Steagall-Condé

## **Setor de Ação Educativa**

Técnico em Assuntos Universitários: Gilberto Hildebrando

## **Setor de Comunicação Social**

Jornalista e Assessora de Imprensa: Barbara Daher Belinati

## **Setor de Imagem e Som**

Técnicas em Assuntos Universitários:

Aurea Keiko Yamane

Célia Rodrigues de Oliveira

Técnico em Multimídia: Rui Cabral

## **Setor de Biblioteca e Documentação**

Bibliotecárias:

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

## **Setor de Museologia**

Técnico em Museologia: Ninger Ovidio Marena

Apoio Técnico: Amauri Ramos da Silva

Museu Histórico de Londrina  
Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro - Londrina-Pr - CEP: 86010-350  
(43) 3323-0082 - [museu@uel.br](mailto:museu@uel.br)





REALIZAÇÃO:



PROMOÇÃO:



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

PATROCÍNIO:

